Conferência de abertura

Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Conferência de abertura

Máquina de fazer machos:
*gênero e práticas culturais, desafio
para o encontro das diferenças*

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Por todos os lados ouvimos que somos uma sociedade de cabras machos, de cabras da peste. Mas o que é ser macho? Através de que traços nós delineamos e definimos o perfil de um macho? Como podemos saber que a pessoa que está a nossa frente é um macho de verdade? Talvez possamos encontrar esta verdade do macho observando o seu corpo. Corpo que não deve deixar escapar nenhum gesto, nenhuma atitude, nenhum traço que possa ser definidos como femininos. Um corpo retesado, em permanente estado de tensão, corpo sempre com músculos definidos e em alerta, nenhum relaxamento, nenhuma lassidão. Nenhuma delicadeza, corpo rústico, rude, quase em estado de natureza, recendendo a suor e testosterona, viril, másculo. Corpo onde se ressaltem pelos, músculos, que transpareçam força e potência. Mas, talvez, a verdade do macho esteja em seu comportamento, em seus gestos, em sua maneira de ser. Um macho que se preze é agressivo na vida e com as pessoas, caracteriza-se pela vontade de poder, de domínio, exige subordinados e subordinações, notadamente das mulheres. Um macho não deixa transparecer publicamente suas emoções e, acima de tudo, não chora, não demonstra franquezas, vacilações, incertezas. Um macho tem opiniões firmes e incontestáveis, tem uma só

palavra, não aceita ser contrariado ou contestado, notadamente por mulheres. Um macho não adoece, não tem fragilidades nem físicas, nem emocionais, frescuras. Um macho sempre sabe o que faz, aonde quer chegar e aí daquele que se colocar em seu caminho. Um macho é um ser competitivo, está sempre disputando com outros machos a posse das coisas e das pessoas. Um macho é objetivo, racional, até frio e cruel, calculista, não se deixando levar por sentimentos. Um macho é desleixado, sem vaidade, é um homem natural, sem artifício, sem polidez. Talvez seja difícil alguém conseguir se enquadrar completamente neste perfil tão exigente e rigoroso. Mas este perfil que, traçado assim, pode parecer risível, quando não ridículo, compõe-se de uma série de traços, atualiza uma série de enunciados e imagens, remete para valores que fragmentariamente circulam em nossa sociedade e são elementos de nossas práticas e formas culturais, dando origem a ações e formas de pensamento que continuam sendo constitutivas da produção de subjetividades, da produção das identidades de sujeitos. Numa sociedade que tem como um de seus traços marcantes o de ser pensada no masculino e para o masculino. Por isso, sabermos como se pensa o masculino, como esse se define é fundamental para entendermos a própria sociedade deste tempo e deste espaço em que vivemos. Que implicações sociais, políticas ou culturais o fato da centralidade do masculino traz para nossa sociedade? Que consequências esta centralidade do masculino tem para os próprios homens e para as mulheres? O que significa esta centralidade? O que nela está implicado? Seria possível descentrar o masculino? Se isto ocorresse, teríamos a centralidade do feminino? O que isto poderia significar? Seria esta a solução para muitos dos problemas sociais que enfrentamos? São estas questões que tentarei abordar aqui hoje.

Seria importante, inicialmente, retomarmos alguns daqueles traços com os quais definimos um macho e tentarmos pensar o que esses significam e como eles se explicam histórica e culturalmente, além de pensarmos as repercussões sociais que esses implicam. Dissemos que possivelmente a verdade de um macho se encontre em seu corpo. Nesta maneira de pensar, duas variáveis importantes vêm se encontrar: a naturalização dos comportamentos sociais e, ao mesmo tempo, uma questão complexa, o lugar do corpo em nossa cultura. Desde pelo menos os anos sessenta do século passado, o movimento feminista e com ele as teóricas que fundaram os estudos de gênero, que instituíram esta categoria para a análise das relações sociais e, notadamente, para estudar a relação entre os sexos, vêm buscando desnaturalizar as categorias do feminino

e do masculino, mostrando-as como construtos sociais e culturais. Ninguém nasceria masculino ou feminino, mas se tornaria masculino ou feminino sempre de acordo com as definições e as modelizações que uma dada sociedade e uma dada cultura dão para estes conceitos, para a própria materialidade do corpo. Inicialmente fundada na distinção entre sexo, como realidade natural, material, corporal, e gênero, como significação, valoração, definição social e cultural, com Judith Butler (2003) a teoria de gênero radicalizou-se até definir o próprio sexo, o ser macho e o ser fêmea como implantações culturais no corpo. Não deixando de ter parcialmente razão, à medida que macho e fêmea são conceitos, pertencem ao mundo da linguagem e, portanto, são uma categoria cultural, não se pode chegar, no entanto, a se negar a materialidade do corpo sexuado, a existência de órgãos genitais distintos, de uma composição, inclusive, hormonal diversa, entre machos e fêmeas. Parece-nos que, depois de muitos anos lutando contra a visão do corpo como um destino, do corpo definindo papéis sociais e culturais rígidos, lugares de sujeito hierarquicamente situados, o feminismo se aproxima perigosamente de um outro traço marcante da cultura ocidental cristã, o da negação do corpo, de sua obliteração como elemento partícipe, inclusive, da vida cultural.

Um dos maiores combates travados pelo feminismo não foi, justamente, pela reconquista do corpo, do poder sobre o próprio corpo por parte das mulheres, para a superação da relação alienada que essas mantinham com seus corpos, corpos pensados como objeto, corpos pensados como existindo por causa de outros, para outros? Será politicamente interessante para o feminismo chegar a uma definição de gênero que secundarize completamente o lugar do corpo? Ora, o masculino, o macho, define-se, justamente, por uma relação de profundo controle, de censura, de apagamento do corpo. O corpo masculino é um corpo apagado naquilo que é mais próprio, um corpo sem sensibilidade, um corpo castrado na expressão livre dos efeitos trazidos pelos afetos das coisas e das pessoas. É um corpo domado, enrijecido, construído como uma carapaça muscular, que visa a protegê-lo do mundo exterior. Um corpo que busca ser impenetrável aos afetos externos, que tem medo de tudo que o ameaça violar ou atravessar, tudo que o possa amolecer, desmanchar, delirar. O corpo masculino é pensado como um corpo instrumental, um corpo a serviço de si mesmo, autocontrolado, autocentrado, autoerotizado, autista, fechado, travado. O corpo masculino teme a fuga, teme o desejo, teme o afeto, teme tudo que o possa arrastar para fora de si mesmo, possa gerar o descontrole, a abertura,

a fragmentação, a viagem. Corpo pensado e treinado para se defender, para dominar a si mesmo e a outros, corpo treinado para ser reativo a tudo que vem de fora, corpo reacionário. Corpo adormecido, corpo censurado, corpo anestesiado, corpo pânico. O corpo masculino pensado e modelizado pela cultura judaico-cristã, pela cultura burguesa, é um corpo censurado e instrumental, um corpo docilizado, um corpo com medo de corpos.

Aí residiria, justamente, um dos perigos do feminino, tal como foi definido, desde pelo menos o século XIX. A mulher seria o corpo sensível, sedutor, erótico, macio, móvel, insinuante, que arrastaria o homem para a perdição, para a perda de si mesmo. Como dizia Schopenhauer (DURANT, [19--]) por representar a natureza, por ter a missão de propagar a espécie, de parir, a mulher usaria de todos os estratagemas para arrastar o homem para a cópula, para a carne, retirando-o de suas tarefas mais elevadas, as tarefas do espírito, as tarefas da razão, do cérebro, para as quais as mulheres estariam menos preparadas. Por estar próxima da natureza, a mulher ainda não dominara, ainda não apagara o corpo, ainda não se livrara de seus imperativos, porque ainda estava sujeita a suas escravidões. Não seria, justamente, por ser visto como atributo feminino por excelência, que o corpo sofreu tantas admoestações em nossa cultura? Afirmar a centralidade do corpo, recuperar sua importância para a cultura não seria uma tarefa mais urgente para o feminismo do que querer conjurar a sua presença, porque este foi durante muito tempo a prisão das mulheres? Ao invés de operar uma cisão entre corpo e cultura, corpo e pensamento, corpo e gênero, por que não se investir, como faz pensadores como Nietzsche (2006), Michel Onfray (1999), Michel Serres (1999), Michel Foucault (2000), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1974) e Giorgio Agambem (2002), na relação estreita entre corpo e pensamento, corpo e conceito, corpo e política? Superar a dicotomia entre um masculino racional, espiritual, objetivo, um masculino centrado na cabeça, e um feminino desmiolado, sem cabeça, só corpo, só seios, cinturas, quadris e vulvas, um corpo só sensibilidade, só paixões e afetos, seria muito mais importante que querer fundar o feminino e o masculino apenas no conceito, fazendo, mais uma vez do corpo, uma matéria inerte, que apenas recebe, de fora, determinações, implantações, próteses. Pensar seriamente que o corpo é vivo, tem uma inteligibilidade própria, é um agente histórico e cultural, é um sujeito, ele se expressa, ele provoca e participa do pensamento, ele faz pensar, ele permite ou proíbe pensar, ele não é só suporte, possibilidade de tudo que fazemos, ele está presente em tudo que fazemos e pensamos.

Os feminismos foram fundamentais para que se politizasse o corpo, para fazer dele um tema da política, para torná-lo em si mesmo matéria política, através da mudança de gestos, atitudes, hábitos, comportamentos, costumes, formas de agir e de ser. O combate à definição do masculino que fabrica machos passa por uma politização dos próprios corpos masculinos. O corpo masculino sempre foi pensado como um instrumento da política. Seja como cidadão, seja como soldado, o corpo masculino esteve a serviço de todas as formas de governo dos homens. Mas para sê-lo tinha que ser, por isso mesmo, um corpo que se governava a si mesmo, desde pelo menos os gregos antigos. Um corpo dominado para dominar, um corpo domesticado para domesticar, corpo apolíneo, corpo disciplinado, treinado, adestrado, sob controle. Corpo máquina de guerra e máquina de produção, que sabe concentrar, potencializar e aplicar sua força, sua violência, num dado alvo preciso. Corpo que não deve vagar, divagar, dispersar-se, errar, dividir-se, desorientar-se, delirar, gingar, rebolar. Corpo assombrado pela fraqueza, pela doença, pelos precipícios da paixão e da loucura. Mas um corpo instrumento é um corpo mecânico, sem lugar para dúvidas, vacilações, incertezas, meditações, reflexões, contemplações. No corpo feminino, o que se deseja ter e o que não se deseja ser, a diferença que incomoda, que atrai e amedronta, o dionisíaco que retorna, que, como no ritual grego, ameaça de despedaçamento os homens que a ele se entregam, ameaça de embriaguez e de desrazão, de descaminho. Nossa cultura sempre tratou mal o corpo, talvez por tê-lo associado ao feminino e tratado mal o feminino por associá-lo ao corporal, numa cultura onde o espírito, a alma e depois a razão sempre foram vistos como a dimensão a ser valorizada no humano, sua dimensão superior, que o aproximava, inclusive do divino, de Deus, este ser incorpóreo.

Politizar o corpo masculino significa tomá-lo como um problema a ser discutido, tomá-lo como uma realidade que precisa ser modificada, propor que sejam modificadas as formas de pensar que o definem e o constituem, assim como as práticas que o instituem. Para isso, os homens devem passar a ser uma preocupação central dos feminismos, não apenas as mulheres. Se os estudos de gênero afirmaram o caráter relacional das definições de gênero, dos modelos de gênero, as mensagens e práticas feministas não devem estar voltadas apenas para um lado da relação, mas devem se dirigir aos dois agentes das relações de gênero. Tomar os homens como o inimigo a combater ou aqueles a quem se deve derrotar, talvez só contribua para reforçar esta forma de ver

o masculino presente em nossa cultura, produza um masculino ainda mais crispado, defensivo e agressivo. Excluir os homens de suas práticas e reflexões não seria reproduzir a exclusão que as mulheres sofreram durante séculos nas práticas e formas de pensar dos homens? É possível modificar as relações de gênero modificando apenas as mulheres? Isso não exacerbaria uma tendência já presente em nossa cultura, a da segregação de espaços e de relações entre homens e mulheres? Não aprofundaria os desentendimentos entre homens e mulheres, já tão profundos, motivados, exatamente, pelo fato de que em nossas sociedade e culturas mulheres e homens são educados de maneiras completamente diferentes e nestas diferenças está implícita uma valoração distinta de cada gênero, que termina por afirmar e gerar desigualdades entre eles? Não estaríamos fabricando uma sociedade de seres solitários, individualistas, com medo do outro? Os homens precisam ter modelos alternativos de subjetividade para se elaborarem, é preciso ser pensados diferentemente para serem diferentes, precisam ser educados de nova forma para adquirirem novas formas de ser. Evidentemente que não vamos novamente afirmar aqui que isso é uma tarefa apenas das mulheres, mas do feminismo, praticado, inclusive, pelos homens, pelos pais, educadores, pelas instituições sociais e culturais.

É preciso tomar essas formas de pensar e de agir que constituem o masculino em nossa cultura, como um dos problemas graves que essa comporta. Nas sociedades ocidentais, e não apenas nessas, a masculinidade é um problema a ser discutido e a exigir soluções, pois a masculinidade entre nós é letal, morremos de masculinidade, matamos por masculinidade, para afirmá-la, por afirmá-la. A masculinidade, tal como é pensada e praticada entre nós, investe na afirmação da agressividade, da competição, da força, da valentia, do heroísmo, da coragem como valores culturais a serem cultivados e exaltados. A masculinidade se vê associada, normalmente, a práticas onde a tônica é a violência, a falta de cuidado com o outro e consigo mesmo. Ao masculino são associados a aventura e o risco, que levam os homens a se colocarem em situações e a promoverem práticas que os expõem à morte, aos acidentes e ao dano físico e psicológico, em maior número do que aquelas situações em que se envolvem as mulheres. Da mesma forma que parecem não estar atentos a situações em que possam se machucar, muito menos estão atentos para situações onde possam vir a machucar o outro, seja física ou psicologicamente falando. O permanente estado de competição, a necessidade constante de afirmação da masculinidade fazem com que os homens vivenciem um stress constante, que

faz com que adoçam e morram mais prematuramente do que as mulheres. Para isso contribui a resistência masculina em admitir fraquezas e fragilidades, o que torna os homens presas fáceis das doenças, nunca admitidas, negadas até, muitas vezes, ao estágio terminal. Uma vez doentes, a dificuldade em lidar com a dor e com a dependência, vistas como coisas de mulher, tornam os homens pacientes, quase sempre, mais deprimidos, dificultando sua recuperação. Para quem é ensinado a ter domínio e poder sobre si e sobre os outros, vivencia muito mal toda situação em que precisa depender de outrem, em que tem que se submeter ao poder de outro, levando ao ressentimento e ao rancor.

As guerras e conflitos sociais de toda ordem, as revoluções no Ocidente sempre estiveram apoiadas numa mística da virilidade, da força, da valentia, da coragem, uma idolatria do masculino guerreiro. Mesmo na sociedade burguesa onde a mitologia cavaleiresca e guerreira da nobreza foi contestada; a empresa, o mercado, a vida pública foram apresentados como novas arenas em que a agressividade masculina viria se expressar. A própria racionalidade, a própria razão, tal como definida pelo Iluminismo, é pensada como um atributo privilegiado do masculino, justamente, por seu caráter conquistador, dominador, combativo. A razão pensada como algo penetrante, como algo destinado a subjugar a natureza, as práticas e saberes não racionais são uma versão fálica da razão, uma racionalidade que esquadrinha, julga, separa, divide, classifica, ordena, toma posse e domina aquilo que lhe é estranho, que lhe é diferente. Esta dificuldade de lidar com a diferença é uma das consequências culturais e sociais mais preocupantes da forma como se define a masculinidade em nossa sociedade. A masculinidade soberana e poderosa não aceita nenhuma prática ou modelo alternativo de comportamento para homens e mulheres. Ela gera a infelicidade da maioria dos homens que são incapazes de corresponder a seu modelo ideal. Todos os homens temem não ser e no fundo acham que ainda não são homens o suficiente. A competição entre os homens faz da masculinidade uma espécie de atributo que para se ter deve-se retirar do outro. Para afirmar-se homem deve-se sempre desqualificar, rebaixar, vencer, derrotar, feminilizar um outro homem. Os homens estão sempre desconfiando da masculinidade uns dos outros, colocando-a em suspeita, fragilizando assim esta identidade que aparentemente parece ser tão inquestionável.

A violência dos homens contra as mulheres é apenas uma das faces das várias formas de violência que constituem uma subjetividade masculina. Violentado para se tornar homem, poderá retornar esta violência em forma de

agressão aos outros, preferencialmente contra os mais fracos, crianças e mulheres, já que aprendeu a desconfiar da fraqueza, a ter horror da fragilidade, a se irritar com elas. Aprendendo no dia-a-dia que aquela mulher idealizada que aprendeu a desejar não existe, que aquela mulher passiva, mulher objeto, pensa, deseja, reclama e disputa com ele poder e espaço, que, cada vez mais, as mulheres não aceitam o lugar social e cultural que lhes havia sido reservado, desorientado e ressentido, este homem terá dificuldade em se relacionar com este outro que o limita e o interpela, que o abandona, que o nega, que o desrespeita, não encontrando consolo, muitas vezes, a não ser em eliminar este outro, em matar a mulher, como forma de se afirmar macho, preocupado que está com sua perda de status, com o que vão dizer os outros homens, que são os seus juízes, a quem deve sempre satisfação. Vivemos em uma sociedade onde a heteronormatividade espera que homens desejem sexualmente mulheres, que homens gostem de mulheres, mas, ao mesmo tempo, esta sociedade define o masculino e o feminino de forma que não possam gostar um do outro, formam-se como estranhos, como mundos apartados, territórios difíceis de palmilhar. Numa sociedade como a nossa, nessa máquina de fabricar machos, os machos só gostam é de si mesmos, pois só se pode gostar verdadeiramente, só se pode amar o que se admira, o que parece digno deste afeto. E aos olhos de um macho, as mulheres são apenas fêmeas, são apenas objeto de desejo de posse e de prazer imediato, são objeto de desejo de poder e domínio.

Felizmente vivemos numa sociedade cada vez mais complexa, em que assistimos a complexificação e a problematização destes modelos de ser masculino e feminino. Convivemos com fenômenos emergentes que vêm dilapidando e corroendo estes modelos de subjetividade, estas formas de ser e pensar as identidades de gênero. Muitas conquistas foram feitas pelas mulheres no último século. Mas consideramos que o mesmo ainda não ocorreu com os homens, pelo menos na mesma intensidade com que ocorreu com as mulheres. Por não terem sido colocados como agentes deste processo, os homens mais sofreram as suas consequências e tentaram a elas se adaptar, do que foram protagonistas destas redefinições dos lugares de gênero. Os homens viram entre atônitos e indignados, entre a revolta e a admiração, ocorrer uma revolução silenciosa nos costumes que solapou seus lugares tradicionais, questionou suas identidades, colocou-os em novas relações, convocou-os a se repensar e se redefinir. Muitas vezes alçados à condição do grande vilão, de inimigo mesmo, os homens vêm tentando se adaptar aos novos tempos, sem que tenham deixado

de lutar insistentemente para manter seus privilégios e o seu lugar de poder na sociedade, sem que tenham deixado de tentar desqualificar, numa intensa batalha simbólica, as conquistas e mudanças sociais e culturais promovidas pelas mulheres. Por isso, seria importante que uma nova etapa dos feminismos incluísse os homens como sujeito e como objeto de suas práticas e discursos. Repensar, redescrever e elaborar novas formas de ser para o masculino devem incluir, a partir de agora, os próprios homens como sujeitos que, implicados no processo poderão, mais do que ninguém, saber dos problemas, das dores e delícias que a antiga forma de definir o masculino e de definir a relação com o feminino trazia.

Os homens devem, antes de mais nada, ser convencidos de que redefinir o masculino é uma necessidade e uma urgência para os próprios homens. Estes devem lançar fora o fardo que a forma de definir a masculinidade, ainda hegemônica, traz para os próprios homens, as perdas e danos que essa acarreta. Devemos, enquanto homens, repensar os custos físicos, emocionais, psicológicos e afetivos de continuarmos sendo definidos como somos ainda hoje. Devemos avaliar os custos de sermos definidos como o provedor, o responsável exclusivo pelo sustento da família, traço já bastante desgastado pela ida das mulheres para o mercado de trabalho, mas que ainda apoia e sustenta a incúria masculina no que se refere às atividades domésticas, ao partilhamento de todas as tarefas com as mulheres. Devemos avaliar os custos de sermos definidos como o sexo forte, aquele que é responsável por todas as atividades que exigem esforço físico e que envolvem alto risco. Devemos questionar a imagem do próprio corpo masculino visto como forte, como mais resistente, como mais apto para realizar as tarefas mais penosas. Devemos avaliar os custos de sermos responsabilizados pela proteção de todo grupo familiar, de sermos definidos como o chefe do lar, o dono da casa, aquele que deve se expor para defender qualquer membro da família em uma situação de perigo. Por que não partilharmos com as mulheres essas atividades? Por que não transferirmos para as máquinas ou para dadas instituições essas atividades que ameaçam a vida?

Devemos repensar o custo para nós de negarmos nossa sensibilidade, nossos afetos, nossos sentimentos, nossas emoções. A associação entre demonstração de afeto e fraqueza, demonstração de sensibilidade e feminino, faz com que a vida emocional dos homens se empobreça, abastarde-se, seja feita de fortes conflitos, de muita dor e de muita renúncia e castração. Devemos avaliar o que acarreta nos abstermos de cuidar dos filhos, das crianças, o que significa

abrirmos mão da paternagem, do direito de ser pai. É urgente a luta para que, inclusive juridicamente, os homens tenham os mesmos direitos das mulheres no que tange aos filhos, quando advém uma separação. A negligência em relação aos filhos, o abandono a que os submetem têm graves consequências não só para as crianças, mas para os próprios pais, quase sempre punidos na velhice com a completa ausência dos filhos, com a ausência de carinho e amor e o não reconhecimento desses como sendo seus pais. Os asilos estão cheios de velhos abandonados e de certa forma punidos pela sua arrogância, prepotência, violência, dificuldade de expressarem afeto, enquanto tiveram o poder dentro de casa. A falta de responsabilidade masculina com seu próprio corpo, com o que faz com ele, também é outro tema a ser repensado. Tido como invulnerável, como aquele em que nada pega, o corpo dos homens é completamente negligenciado de cuidados, é usado e abusado, é submetido a todos os riscos e excessos, e o que vemos é os homens morrerem sempre mais cedo do que as mulheres, contraírem doenças por excesso de trabalho, por excesso de esforço físico, por excesso de bebida, de comida, de drogas, por comportamentos de risco, no cotidiano, no lazer e na vida sexual. Não tendo aprendido a cuidar, não cuida nem de si mesmo, relegando seu corpo a uma rotina de exigências que o envelhecem precocemente. Homens sempre dependentes das mulheres para as tarefas mais mezinhas, quando se trata da vida doméstica, da vida pessoal, das atividades de subsistência e cuidado pessoal.

Devemos, principalmente, abrir-nos para aprender com o outro, para avaliar a positividade do diferente, do feminino. Feminino que, afinal, também nos constitui, física e psicologicamente, já que todo homem é produto físico e subjetivo de uma mulher, a mãe, e de todas as mulheres com as quais iremos nos relacionar. As mulheres podem contribuir decisivamente para a mudança do masculino, modificando inclusive a imagem de masculino que desejam, que reclamam, que requerem. As mulheres podem começar a mudar os homens mudando o masculino que as habita, o masculino que veicula e expressa em dadas situações, em dados gestos, comportamentos e discursos. Como as lésbicas prestam um grande favor à sociedade quando, ao invés de copiarem e veicularem o estereótipo do macho, do masculino, tal como define nossa sociedade, negam-se a fazê-lo, afirmando o caráter cultural e relativo desta definição. Da mesma forma, ocorre quando os homossexuais masculinos não se propõem a veicular uma caricatura do feminino, do feminino estereotipado, da mulher objeto e fútil, que as próprias mulheres estão contestando

neste momento. Estas formas alternativas de sexualidade, ao lado de muitas outras praticadas hoje por homens e mulheres, constituem-se em verdadeiros laboratórios de experimentação de novas práticas e de novos modelos de ser masculino e feminino. Se percorrermos as salas de bate-papo na internet, se lermos os blogs e flogs, se lermos as páginas de contos eróticos, vamos ver que as práticas sexuais, os desejos, os amores, os afetos, as fantasias sexuais, as relações afetivas já não cabem nas definições hegemônicas ainda em nossa cultura para o masculino e o feminino.

Estes são devires que devem ser observados. Para a ira do Papa, cientistas italianos afirmaram recentemente que a espécie humana caminha para a androginia, para as sexualidades múltiplas, para a quebra dos papéis antes consagrados. A Parada Gay de São Paulo é o maior evento turístico do país e seu mais expressivo movimento político, o que reúne o maior número de pessoas. Talvez seja mesmo o fim dos tempos. Tempos de sexualidade heteronormativa, de monogamia, de família burguesa e classe média, do sexo papai-mamãe, de masculino e feminino definidos como papéis naturais, eternos, fixos, não intercambiáveis, não modificáveis. Tempos de desigualdade profunda entre homens e mulheres, de hierarquias de papéis e de status fundados no sexo. Tempo de ruína da família tradicional, de crianças abandonadas, de pais ausentes e irresponsáveis. Tempo de mulheres sobrecarregadas, de homens e mulheres solitários, individualistas, incapazes para o amor, o afeto, a entrega e a abertura para o outro. Mas para que os novos tempos possam ser melhores do que este, muito temos que fazer. Em cada lugar onde estamos, em cada relação onde nos encontramos, na vida de cada um, devemos procurar repensar práticas e formas de pensar, para que possamos ser pessoas melhores, mais afetivas, mais solidárias, mais capazes de se abrir para o diferente, de amar e respeitar o diferente, buscando formar a respeito de cada uma destas diferenças conceitos que evitem o preconceito, o estereótipo, a descrição rápida e arrogante do outro. É preciso deixarmos de ser machos ou fêmeas para sermos melhores seres humanos.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **El Antiedipo**. Barcelona: Barral, 1974.

DURANT, Will. **A filosofia de Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19--].

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ONFRAY, Michel. **A arte de ter prazer**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1999.